

CCB

**A VALENTINA E A VALERIA
NÃO ESTÃO MORTAS
FLÁVIA GUSMÃO
E JACINTO LUCAS PIRES**

19 A 22 / 26 A 29 MAR 26



**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém

Black Box

Qui e Sex, 20h, Sáb, 19h, Dom, 17h

27 MAR – DIA MUNDIAL DO TEATRO

17h e 20h. Entrada livre sujeita à lotação da sala
Levantamento dos bilhetes no próprio dia,
a partir das 13h, na Bilheteira CCB.

+14

Duração aproximada: 60 min

Criação **Flávia Gusmão e Jacinto Lucas Pires**

Texto **Jacinto Lucas Pires**

Interpretação **Flávia Gusmão**

Apoio à Criação **Tobias Monteiro**

Desenho de Luz **Nuno Meira**

Música e Desenho de Som **Xullaji**

Costureira **Rosário Balbi**

Produção Executiva **Marisa Coelho**

Gestão Financeira **Nuno Pratas**

Coprodução **Associação Bo Dixam Bai, Associação Palavrão,
Centro Cultural de Belém, Cineteatro Louletano e Culturproject**

Agradecimentos **Alheli Guerrero, Carlota Gonzalez,
Fernando Alvarez e Teatro Experimental de Cascais**

SINOPSE

O ensaio de Esmeralda é sobressaltado por duas figuras, Valentina e Valeria. Quem são elas, exatamente? Parecem estar num espaço desértico, com qualquer coisa de Internet e de Além. Terão surgido das falhas de memória da atriz? Serão produto da sua imaginação?

A Valentina e a Valeria não estão mortas é uma peça sobre as relações entre memória e imaginação, ficção e não-ficção, teatro e vida, morte e luto. Um monólogo de muitas vozes que brinca com o processo do teatro para nos dar a ver uma, duas, três mulheres.

A VALENTINA E A VALERIA NÃO ESTÃO MORTAS

O nome é só um nome e *ninguém fala assim, com os nomes tão à mostra...* só o título. O resto da peça não engana *com essa antiguidade, com essa aspereza e implicância...* de dizer os nomes uns dos outros nas peças de teatro. O nome não passa de um invólucro pessoal, personalizado com cores e sabores ora únicos, ora repetidos, que contém um corpo (humano ou animal) – um corpo único, ou às vezes repetido (corpo de outros corpos), um corpo que sua, que tropeça e que às vezes (*de repente, um cheiro e uma pancada*) se esbardalha no chão. O corpo no palco é um corpo que ri e chora, é o corpo de alguém que se esqueceu dos comprimidos da memória e já não consegue contar o que lhe aconteceu sem pedir permissão, sem se rir, sem chorar um bocadinho, sem tropeçar. Por excesso de dor, por excesso de visão.

Está-se no palco como num tribunal. Ou no Além. Talvez o palco seja o Além e o tribunal ao mesmo tempo. Talvez o teatro seja o tribunal onde nós todos viemos responder pelas ações cometidas, pelos pensamentos tidos e retidos, pelas ajudas dadas sem ser pedidas, pela vida que desperdiçamos a cada dia.

Aqui as palavras são meteoritos pretos e luzidios que brotam das bocas das personagens. Às vezes confundem-se com pastilhas elásticas, outras com lágrimas ou palavras demasiado doridas para serem ditas assim, com leveza, da boca para fora. Cada uma delas tem um peso e uma carga específica. Um contexto, um valor. Algumas delas são tão desconfortáveis que irritam a atriz e as suas habitantes internas, assim como nós que olhamos e escutamos.

É delicado seguir a ténue fronteira onde acaba Valeria e começa Valentina no corpo da atriz. É delicado folhear as suas memórias, delicado vê-la, ver-se no espelho, com ela(s), e falar finalmente das coisas que não contamos nem a nós próprias. É delicado carregar a dor dos outros, delicado não esmagar os outros, as outras, com a nossa dor.

Passeamos por aldeias do México, alguma coisa nos faz pensar em Bolaño e depois o número 2666 diz-nos que estamos dentro de um livro e ao mesmo tempo fora da ficção e dentro da vida real. Quantas vidas aconteceram iguais às destas mulheres? À da mulher que *de repente, um cheiro e uma pancada*, a mulher assassinada, mutilada, silenciada, a mulher que quer ajudar e ajudando esmaga. É preciso um certo pudor para falar da morte, para dizer os nomes dos mortos e das mortas, é preciso ter pedras no coração para continuar a lista.

O que sobra é a memória.

Memória como um palco despido sobre o qual se move uma atriz mutante, mutável, às voltas com a própria história e as suas mortes, as suas próprias mortas. Sobra um vazio impossível de preencher, que nem sequer se consegue preencher com palavras – muito menos com estas palavras que lhe aparecem hoje na língua enquanto tenta bater o texto: quase todas tão indelicadas, tão imbuídas de vida e de morte e tão difíceis de tragar.

Memória como um olho que tudo observa e tudo revive, mas que depois se apaga, se esboroa, como as letras que tombam do letreiro de um motel à beira da estrada. Desaparecer lentamente. Chorar baixinho. Olhamos nos olhos uma cadela que parece lembrar-se de tudo. Sim, há um *antes* e há um *depois*. E nós podemos recordar tudo – que equivale a dizer nada. E tudo o que vivemos, tudo o que morremos desfila diante de nós. É isto a memória, esse tudo e esse nada.

Dizemos memória, mas são os olhos, não é?



© QUEILA FERNANDES

FLÁVIA GUSMÃO

Nascida em Lisboa em 1978, tem dupla nacionalidade portuguesa e cabo-verdiana. Formou-se na EPTC (1993/96) e integrou o elenco do TEC (1996–2003). Entre 2003 e 2005, pertenceu ao Teatro da Garagem. Desde então, tem trabalhado com vários encenadores em Portugal, Itália e Escócia. Ganhou o prémio SPA de Melhor Atriz em 2014. Estagiou no Rio de Janeiro com Enrique Díaz e a Cia dos Atores. Na mesma cidade participou em *A Vida Invisível*, de Karim Aïnouz, filme que ganhou o prémio Un Certain Regard em Cannes em 2019. Também faz as suas próprias criações, muitas das quais em Cabo Verde. Mestre em Teatro e Comunidade pela ESTC, desenvolve trabalho nesta área regularmente. Encenou recentemente *À espera de / Esperando a Godot*, de Samuel Beckett, no Teatro Experimental de Cascais, no MACA em Punta del Este e no Teatro Solis em Montevideo. Também dirigiu uma versão do mesmo texto com pessoas em situação de reclusão na prisão do Linhó em 2024.



© CARMO OLIVEIRA

JACINTO LUCAS PIRES

Jacinto Lucas Pires escreve livros, peças de teatro, filmes, música. *Vento nos olhos*, romance, foi publicado no ano passado. *Oração a que faltam joelhos*, o seu romance anterior, ganhou o Prémio John Dos Passos 2021. *Pés rolantes*, álbum ilustrado com texto seu e ilustrações de João Fazenda, saiu em 2024. No teatro, Jacinto trabalha com diferentes grupos e encenadores — em dezembro de 2025, o Ensemble estreou a sua peça mais recente, *Salvação!* (encenação de Jorge Pinto). Lucas Pires é também autor da personagem musical Jacinto Manupela. E escreve a newsletter *Pardon my English*.

**SUBSCREVA A
NEWSLETTER CCB**
GARANTA A MELHOR EXPERIÊNCIA

ccb.pt/newsletter

27 MARÇO – DIA MUNDIAL DO TEATRO 2026

No Dia Mundial do Teatro de 2026, evocamos a força simbólica de uma criação como *A Valentina e a Valeria não estão mortas*, um ensaio interrompido por duas presenças enigmáticas. A partir dessa premissa – uma atriz confrontada por figuras que parecem emergir de um território indefinido entre o íntimo e o imaterial – somos convidados a refletir sobre o que o teatro faz de forma única: transformar dúvida em ação, pergunta em acontecimento, inquietação em linguagem viva.

Esta tensão é, afinal, a própria matéria do teatro. No palco, a identidade nunca é fixa; é atravessada por ecos, por histórias sobrepostas, por narrativas que se contaminam. Celebrar esta data é reconhecer essa capacidade da cena de tornar visível o que é fragmentado e de dar forma ao que parecia difuso. A proposta dramatúrgica sugere ainda um território árido, quase suspenso no tempo, onde as palavras ganham densidade e o corpo da intérprete se torna lugar de passagem entre diferentes vozes. Esse espaço simbólico lembra-nos que o teatro não é apenas entretenimento: é um laboratório de consciência. Ali testam-se limites, expõem-se fragilidades e confrontam-se zonas de sombra que muitas vezes evitamos nomear.

Ao mencionar temas como perda, ausência e responsabilidade afetiva, convoca-nos para uma reflexão delicada sobre a forma como lidamos com o que desaparece e com o que permanece. O teatro oferece-nos essa possibilidade rara: olhar de frente para o que nos inquieta, sem a mediação da distância confortável. É um encontro direto, corpo a corpo, entre quem está em cena e quem assiste.

O Dia Mundial do Teatro é também um tributo àquilo que sustenta todas estas camadas: a memória. Não como registo fixo, mas como matéria instável, simultaneamente plena e vazia, que se reconstrói a cada evocação. Em cena, recordar é reativar presenças. É permitir que vidas interrompidas, vozes silenciadas ou experiências íntimas encontrem continuidade no espaço partilhado da representação.

O teatro lembra-nos que revisitar o passado é um gesto com dimensão ética e política. Nomear é reconhecer existência. Trazer à luz é recusar o esquecimento. Quando um corpo ocupa o palco para dar forma a histórias que poderiam desaparecer, afirma-se que a narrativa humana não termina no silêncio. Enquanto houver quem represente e quem escute, há uma linha de continuidade que resiste ao apagamento.

Serge Rangoni

Diretor Artístico das Artes Performativas
Centro Cultural de Belém

Uma Cidade. Um Museu. Muitos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM E MULTIMÉDIA



APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA



PARCEIRO PARA A SUSTENTABILIDADE

